

Hortifruti Brasil

Uma publicação do CEPEA - ESALQ/USP
Ano 17 - Nº 181 - Agosto de 2018 - ISSN 1931-1837

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
VENDA PROIBIDA

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

ATAÇADO

Os desafios da modernização
das Ceasas no Brasil



CURTA A HORTIFRUTI BRASIL NO FACEBOOK!

@revistahortifrutibrasil

Notícias de HF todos os dias em sua timeline!



Amistar[®] Top

O fungicida especialista em prevenir manchas e cuidar da saúde de suas frutas e vegetais.



- Duplamente sistêmico
- Controle superior com alta seletividade
- Registro para 29 frutas e vegetais

Informe-se sobre e realize o Manejo Integrado de Pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

ATENÇÃO Este produto é perigoso a saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO.



c.a.s.a.

0800 704 4304

www.portalsyngenta.com.br

Dr. Amistar Top



 **Amistar[®] Top**

syngenta.

Os hortifrúti são seguros?



Muito boa a matéria sobre as CSFI's. Acredito que as frutas e hortaliças sejam seguras, e que há pessoas que são mal-informadas sobre o assunto.

Lucio – Taguaí/SP

Acredito que os hortifrúti produzidos no

Brasil são seguros, mas ainda acho que pode melhorar muito neste quesito.

Hélcio Costa –

Venda Nova do Imigrante/ES

CAPA 08



A HF Brasil foi conhecer de perto duas Ceasas para entender o funcionamento e os principais desafios para a modernização.

FÓRUM 30

Claudio Furquim fala quais os principais problemas das Ceasas e o que a Sincaesp tem feito para ajudar o setor.

SEÇÕES

CENOURA  **14**

TOMATE  **15**

BATATA  **16**

CEBOLA  **17**

ALFACE  **18**

MELÃO  **20**

MANGA  **21**

MELANCIA  **22**

CITROS  **24**

MAÇÃ  **25**

UVA  **26**

BANANA  **28**

MAMÃO  **29**

EXPEDIENTE

A Hortifruti Brasil é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico:

Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Editora Científica: Margarete Boteon

Editores Econômicos:

João Paulo Bernardes Deleo, Letícia Julião,

Fernanda Geraldini Palmieri e

Marina Marangon Moreira

Editora Executiva:

Daiana Braga MTb: 50.081

Diretora Financeira: Margarete Boteon

Jornalista Responsável:

Alessandra da Paz Mtb: 49.148

Revisão:

Daiana Braga, Bruna Sampaio, Caroline

Ribeiro, Nádia Zanirato e Flávia Gutierrez

Equipe Técnica:

Ana Beatriz de Salles Roselino,

Andréa Cimino Gonzalez Rodrigues,

Beatriz Papa Casagrande, Caio Vinícius

Piton Torquato, Caroline Ribeiro,

Eduarda da Costa Pinheiro, Fernanda

Geraldini Palmieri, Gabriel Coneglian

Barbosa, Gabriel Pacheco de Carvalho

Oliveira, Heitor Araujo Cintra Inacio,

Isabela Camargo Gonçalves, Laleska Rossi

Moda, Lavínia da Cunha Canto Morais,

Lenise Andresa Molena, Luana Maria

Martins Guerreiro, Marcela Guastalli

Barbieri, Mariana Coutinho Silva, Mariane

Novais Olegário de Souza e Rodolfo

Fernandes Hackmann

Apoio:

FEALQ - Fundação de Estudos Agrários

Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte:

Guia Rio Claro.Com Ltda

enfaserioclaro@gmail.com

Impressão:

Gráfica Santa Edwiges

(19) 3282-3555

Contato:

Av. Centenário, 1080

Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429-8808

Fax: 19 3429-8829

hfbrasil@cepea.org.br

www.hfbrasil.org.br

A revista **Hortifruti Brasil** pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

ACESSE O SITE E CURTA AS REDES SOCIAIS DA HF BRASIL!



É PRECISO MUDAR ATUAL MODELO DE GESTÃO DAS CEASAS



Marina Marangon (esq.), Andréa Cimino, Gabriel Pacheco e Lavínia Moraes são os autores da matéria sobre atacado.

A **Hortifruti Brasil** conversou com permissionários e técnicos de duas Ceasas (a Ceagesp de São Paulo e a de Piracicaba/SP) para entender os problemas e buscar soluções para a modernização desse importante elo distribuidor de frutas e hortaliças. No geral, a equipe encontrou três grandes entraves: baixo interesse governamental, gestão ineficiente e infraestrutura ultrapassada. O resultado é alto custo e baixa qualidade do serviço nas Centrais de Abastecimento. Para muitos, a solução é a iniciativa privada. Bastante respeitado na área, o engenheiro agrônomo Hélio Satoshi Watanabe, do Centro

de Qualidade Hortigranjeira da Ceagesp de São Paulo, confirma que “a privatização seria algo positivo, já que impulsionaria a modernização da Ceagesp”. Paulo Ferrari, técnico da Ceagesp, também reforça essa questão: “a administração pública não é eficiente. Eu vejo o governo como um órgão de fiscalização e não administrativo”.

Flávio Godas, do Centro de Qualidade, Pesquisa e Desenvolvimento da Ceagesp paulistana, diz que uma parceria público-privada seria a melhor opção. Algumas funções, como fiscalização e monitoramento, devem ser mantidas com o governo para a melhor execução. Claudio Furquim, do Sincaesp (Sindicato dos Permissionários em Centrais de Abastecimento do Estado de São Paulo), propõe uma parceria público-privada por meio de uma Oscip (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público). Mas, segundo Furquim, a atual gestão da Ceagesp não concorda. Pelo fato de as Ceasas pertencerem ao governo, que tem autonomia na gestão e na indicação de diretores, é prudente que neste ano eleitoral muitos questionem seus candidatos sobre o real engajamento em prol da modernização da cadeia de frutas e hortaliças.

De qualquer forma, todos são unânimes quanto à uma nova gestão: o atual modelo das Ceasas, com diretores selecionados por critérios políticos e permissionários com pouca autonomia na gestão, não pode continuar.

Frescor do
CAMPO À MESA



Conserve o melhor da colheita com nossas
soluções em EPS (isopor®) para o agronegócio.

BENEFÍCIO PARA TODA CADEIA:

- Aumento do shelf-life
- Redução do desperdício
- Eficiência no transporte e armazenamento
- EPS (isopor®) 100% reciclável

Agende já uma visita com nossa equipe e surpreenda-se!

 47 3451.2666
  www.termotecnica.com.br
 /termotecnicaBR



Supermercado holandês cria corredor com alimentos embalados somente com materiais recicláveis

Por Caroline Ribeiro

Desde fevereiro, uma rede de supermercados holandesa especializada em produtos orgânicos tem apresentado uma nova proposta na disposição de seus alimentos: mais de 700 itens da mercearia são embalados sem o uso de plástico. A loja da *Ekoplaza*, localizada em Amsterdã, criou um corredor inteiro (o primeiro do mundo) somente com produtos acondicionados em recipientes como vidro, metal, papelão e outros materiais que possam ser reciclados. Um deles se parece com plástico: trata-se de um biofilme feito de árvores e plantas, que se desfaz em até 12 semanas em um compostor caseiro. Dentre os produtos disponíveis nesta seção estão carnes, arroz, molhos, leite, chocolate, iogurte, além de frutas e hortaliças frescas. O objetivo da *Ekoplaza* é que, até o fim deste ano, as 74 lojas da rede tenham um corredor livre de embalagens plásticas – em uma tentativa de reduzir (e disseminar a proposta) os resíduos plásticos na Europa.

HF Brasil por aí

Pesquisadora da HF Brasil participa de fórum sobre mangicultura

A pesquisadora da área de frutas do Hortifruti/Cepea, Fernanda Geraldini, participou, no dia 12 de julho, do Fórum “*Mangicultura no VSF – Desafios e Oportunidades*”, em Juazeiro (BA). O evento reuniu produtores de manga e outros profissionais do setor. Como uma das palestrantes do bloco “Panorama da manga no mundo e no Vale do São Francisco”, Fernanda apresentou as principais perspectivas para o mercado da fruta neste e nos próximos anos.



Fernanda ministra palestra aos visitantes em Juazeiro.

HF Brasil mostra as tendências de consumo no evento da PMA

A pesquisadora da área de frutas do Hortifruti/Cepea, Leticia Julião, participou no dia 26 de junho do 2º Café da manhã e bate-papo com o setor, promovido pela PMA (*Produce Marketing Association*), em Fortaleza (CE). A pesquisadora apresentou um panorama sobre as perspectivas e oportunidades para o mercado de hortifrúti em 2018/2019, abordando as principais tendências de consumo que podem movimentar o segmento.



Fotos: Jonas Octávio



Leticia mostra as tendências de consumo no evento da PMA.

HF Brasil visita a Ceagesp

No dia 24 de julho, a Hortifruti Brasil visitou a Ceagesp, em São Paulo (SP). Além de encontrar colaboradores e saber como funciona o trabalho no maior centro de abastecimento do País, a equipe fez novos contatos. A visita também permitiu que os autores pudessem arrematar as informações para a matéria de capa desta edição sobre os atacados brasileiros.



Equipe reunida na Ceagesp.

**Pimentões
cônicos com alta
performance
no campo**



Derick ^{F1}

Destques: Planta forte e frutos pesados

Conrado ^{F1}

Destques: Planta vigorosa e excelente sistema radicular



Ário ^{F1}

Destques: Planta rústica de fácil cultivo



CALL CENTER
(54) 2109 4444

OS DESAFIOS DA MODERNIZA

A missão das Centrais de Abastecimento do Brasil é “receber, consolidar, classificar, selecionar, armazenar e comercializar alimentos perecíveis frescos, garantindo o escoamento da produção e o abastecimento da população, com qualidade e em um ambiente de comércio justo, tendo como princípio a sustentabilidade das ações”, segundo o Mapa (Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento), em trabalho de 2012 (“Plano de Modernização das Centrais de Abastecimento”).

No entanto, **será que as Ceasas espalhadas pelo Brasil estão cumprindo essa missão?** Agentes de mercado e técnicos de Ceasas consultados pela **Hortifruti Brasil** indicam que **não** – mas estes ressaltam a importância das Centrais na distribuição das frutas e hortaliças no País.

É perceptível que as Centrais de Abastecimento têm capacidade limitada, sendo as maiores dificuldades a infraestrutura ultrapassada e a regulação e fiscalização ineficientes. Muitos dos problemas encontrados nas Centrais nacionais são reflexo das faltas de investimentos e de uma política nacional coordenada. Além disso, a base das Centrais ainda está relacionada ao modelo constituído na década de 60 e que pouco foi atualizado para conseguir atender as mudanças de tendências e necessidades atuais. Até a década de 70, havia uma ação coordenada das Centrais de Abastecimento, por meio da Companhia Brasileira de Alimentos (Cobal, atual Conab). Na década de 80, contudo, esse modelo não se manteve, enfraquecendo a regulação do abastecimento nacional e também a coordenação e representatividade das Centrais.

O documento do Mapa de 2012 ainda ressalta: “Desarticuladas, as Centrais de Abastecimento acabaram por sedimentar um modelo construtivo defasado que impede a adoção de práticas logísticas inovadoras, limitando sua eficiência e manutenção da qualidade e identidade dos produtos ali movimentados. Esse fato acarreta uma crescente agregação de custos operacionais desnecessários, refletindo negativamente na eficiência do sistema de abastecimento e na competitividade da cadeia produtiva dos diferentes produtos ali comercializados”.

Os atacados representam um elo importante entre a produção e o varejo de pequena e média escalas. Mesmo que uma parte da produção não passe fisicamente pelas Centrais, parcela significativa da comercialização é realizada pelos permissionários. Além disso, trata-se da principal referência de mercado em termos de preços no atacado. Ou seja, apesar de todas as limitações físicas, regulatórias e administrativas as quais permissionários enfrentam atualmente, é grande a importância das Centrais dentro do setor de frutas e hortaliças.

Para entender melhor o funcionamento e os principais desafios em prol da modernização enfrentados pelas Centrais de abastecimento, a **Hortifruti Brasil** entrevistou agentes de mercado e técnicos das Ceasas a respeito desse tema. A equipe foi conhecer de perto duas estruturas bastante distintas de Ceasas em termos de tamanho – a Ceagesp na capital de São Paulo e a de Piracicaba, no interior do estado paulista. Ambas carecem de atenção e de ação urgente de políticas a favor da estrutura e da regulação de abastecimento.

NÚMEROS DAS CEASAS - 2017

COMERCIALIZAÇÃO TOTAL:

Faturamento:
R\$ 32,7 bilhões

Volume comercializado:
9,2 milhões de toneladas

Municípios produtores/fornecedores:
3.252

IMPORTAÇÃO:

Dispêndio:
R\$ 1,4 bilhão

Volume adquirido:
190 mil toneladas

Fornecedores externos:
19 países

FRUTAS E HORTALIÇAS:

Faturamento:
R\$ 27 bilhões

Municípios produtores/fornecedores:
3.000

Total de variedades:
903

Fonte: Banco de dados do Prohort referente aos números de 2017. Os dados levam em conta a comercialização de 31 Centrais de Abastecimento.

ÇÃO DAS CEASAS NO BRASIL

CEAGESP SÃO PAULO X PIRACICABA

Entraves na modernização

A **Hortifruti Brasil** visitou duas Ceasas de diferentes tamanhos para avaliar a questão de infraestrutura. A localizada na capital de São Paulo é a maior do País (283 mil t/mês) e a de Piracicaba é um posto de pequena escala (4 mil t/mês). Apesar de tamanhos distintos, ambas apresentam estruturas precárias

para os desafios atuais. Quanto à capacidade, enquanto o atual tamanho da Ceasa da capital não atende à demanda dos permissionários, a de Piracicaba está ociosa. Veja a seguir os principais entraves das duas Ceasas para modernizar a infraestrutura no abastecimento de alimentos.

COMPANHIA DE ENTREPÓSITOS E ARMAZÉNS GERAIS DE SÃO PAULO (CEAGESP) – SÃO PAULO

A Ceagesp localizada na capital paulista é a maior Ceasa do País e um importante exemplo da infraestrutura precária. Neste caso, a infraestrutura principal é de 700 mil metros quadrados, a mesma desde sua inauguração, em 1966.

LOCALIZAÇÃO: Em local predominantemente urbano e de elevado tráfego de automóveis, o sistema de rodízios de placas da cidade interfere no funcionamento da Ceagesp, visto que dificulta tanto a mobilidade das cargas que entram no local quanto dos próprios funcionários.

LOGÍSTICA INTERNA: Segundo Hélio Satoshi Watanabe e Paulo Roberto Ferrari, engenheiros agrônomos da Ceagesp, um dos principais problemas no caso da central de São Paulo é a dificuldade na mobilidade interna. A infraestrutura antiga e com pouco espaço impede que grandes carretas entrem no local.

AUTOMAÇÃO: Estima-se que apenas 5% das cargas e descargas na central paulistana são mecanizadas – principalmente frutas, que já chegam acondicionadas em caixas paletizáveis – e todo o restante é feito manualmente. Nesse contexto, são cerca de 4 mil carregadores na Ceagesp, organizados em sindicato.

CEAGESP DE PIRACICABA (SP)

De menor tamanho, a Ceagesp de Piracicaba (SP) conta com 130 mil metros quadrados e fluxo de comércio de 3,9 mil toneladas mensais, o posto foi fundado em 1983. A central piracicabana se destaca pela ociosidade de espaços, visto que não há muitos permissionários. A proximidade com a Ceasa de Campinas (SP), a forte concorrência entre os permissionários e pouco planejamento são fatores que explicam a ociosidade do local.

LOCALIZAÇÃO: Há baixa atratividade de novos permissionários e o espaço está ocioso. Um dos entraves citados é a localização muito afastada do centro urbano. Além disso, parte do acesso não é pavimentado, o que pode dificultar a entrada de caminhões em dias mais chuvosos. A proximidade com a Ceasa de Campinas também pode limitar a comercialização, devido à concorrência.

LOGÍSTICA INTERNA: A Ceagesp piracicabana apresenta uma mobilidade interna mais adequada que a da capital, já que o trânsito é menos intenso.

AUTOMAÇÃO: Assim como em São Paulo, o processo de automação de cargas e descargas é mínimo. Segundo Marcos Ludovico Valentini, gerente da Ceagesp de Piracicaba, cerca de 70% da movimentação das cargas ainda são não paletizáveis e manuais.



INFRAESTRUTURA ULTRAPASSADA

BAIXA AUTOMAÇÃO

As Centrais de Abastecimento ainda têm alta dependência de carregamento/descarregamento manual, o que limita a logística interna das centrais, aumenta os custos e reduz a eficiência na distribuição ao varejo. A automação do carregamento e descarregamento das cargas, bem como sua identificação, melhoraria o processo de rastreabilidade. O menor manuseio de produtos também poderia elevar a qualidade e reduzir as perdas.



LOCALIZAÇÃO E DESENHO INADEQUADO

A construção atual não é adequada para recepção de caminhões e carretas de grande porte e as dimensões dos boxes e pavilhões muitas vezes são incompatíveis com as necessidades de movimentação de cargas e volumes. Esse contexto dificulta o descarregamento e o transporte de grandes quantidades de produtos. Outro ponto é a localização, visto que há casos de Centrais construídas em regiões já tomadas pela esfera urbana ou de difícil acesso. A organização do espaço e, principalmente, a falta dele comprometem o atendimento às normas sanitárias, a armazenagem, a exposição e as vendas de produtos. Além disso, a infraestrutura limitada impede a instalação de câmaras frias adequadas à conservação das frutas e hortaliças. As dificuldades de exposição de produtos nos boxes, por sua vez, prejudicam as vendas.

MÁ GESTÃO DAS CENTRAIS

POUCA AUTONOMIA E INTERESSE GOVERNAMENTAL

Desde a década 80, as Ceasas do País funcionam de forma descentralizada, mas sem autonomia. Assim, apesar de o governo ser o responsável pelo órgão, faltam articulação central e uma política nacional de abastecimento que promovam uma regulação em prol da modernização da comercialização. Carente do suporte governamental eficaz, as Centrais caminham sozinhas, de forma limitada e sem autonomia para fazer investimentos, principalmente em infraestrutura, sustentadas por alugueis pagos por permissionários. Nas últimas duas décadas, em especial, o governo federal não mostrou muito interesse em investir ou promover o desenvolvimento da maior Central do País, a Ceagesp.

INDEFINIÇÃO DA LOCALIZAÇÃO DA CEAGESP DE SÃO PAULO

Devido à instabilidade política atual, muitas incertezas impedem ações concretas na maior Central de Abastecimento do País, a Ceagesp da capital paulista. “Uma vez que não se tem certeza a respeito do local e da propriedade da Central, fica complicado atrair investidores”, disse Flávio Godas, economista da Seção de Economia e Desenvolvimento (Sedes), da Ceagesp. A Central passa por uma indefinição sobre seu futuro. Até agora, sabe-se que o governo abriu espaço para que empresas interessadas apresentassem projetos para a construção do que pode ser a “nova Ceagesp”, firmando, assim, uma parceria público-privada muito benéfica ao setor, segundo a ótica dos técnicos da Ceagesp. Quatro empresas passaram para a fase final do processo, competindo pela chance de ter seus respectivos projetos contemplados. Contudo, em temporada de eleições, a definição das ações que serão tomadas frente à nova empreitada é deixada em “stand-by”. Assim, tanto o governo como os investidores esperam as consolidações no âmbito político para que as decisões sejam tomadas.

CARGOS DE ALTA CHEFIA COM POUCO ENGAJAMENTO TÉCNICO/ECONÔMICO

Os cargos das Centrais (de gerente a coordenador) são comissionados, ou seja, cargos de confiança. Ainda assim, se os cargos de indicação apresentassem um perfil de técnicos engajados em modernizar as Centrais, os problemas poderiam ser menores. No entanto, em muitos casos, empregos de alta chefia são desempenhados por profissionais não qualificados para tal. Em outras palavras, o emprego de profissionais importantes para a estrutura da empresa nem sempre é feita da forma objetiva, deixando a desejar na qualidade da gestão.

BAIXA QUALIDADE

FISCALIZAÇÃO INEFICIENTE

Toda a gestão das Centrais, para maximizar a eficiência, deve trabalhar com um conjunto de dados eletrônicos, normas e fiscalização. Essas ações são extremamente necessárias para reduzir as irregularidades dos produtos. O ponto de partida seria a informatização de todo o sistema de controle de fluxo de entrada e saída das mercadorias, que, atualmente, é predominantemente manual. Os relatos são de que já houve tentativas de conscientizar permissionários sobre a necessidade de incrementar o processo de digitalização – uma delas foi a distribuição de manuais explicativos sobre a emissão de notas eletrônicas. No entanto, muitos são resistentes a essas mudanças.



FALTA PADRONIZAÇÃO

O mercado de hortifrúti não tem um padrão de frutas e hortaliças comercializados nas Centrais. Esse é um passo importante para a modernização do sistema, visto que permitiria maior confiança no processo de comercialização e na transferência de precificação do produto. A falta de padrão também limita a rastreabilidade de produtos, que, no geral, não têm embalagens e rótulos adequados. Em relação às embalagens, estas nem sempre são as mais adequadas para preservar os alimentos e, ainda, pouco paletizável, dificultando a logística. De acordo com levantamento do Cepea, apesar de tentativas de padronização nas Ceasas por meio de desenvolvimento de programas e de cartilhas, na prática, essas medidas não são difundidas entre os permissionários.

NÃO HÁ CONTROLE DE PERDAS

As Centrais não têm controle eficaz para estimar a quantidade de alimento descartada. Na Ceagesp de São Paulo, é realizada uma estimativa de perdas, mas esta é frágil, já que considera tudo o que é descartado na Central, ou seja, além dos alimentos, somam-se também os resíduos sólidos, como caixas de papelão e madeira. Na Ceasa de Piracicaba, também não há um grande controle daquilo que é jogado fora. Marcos Ludovico Valentini, gerente da Ceagesp de Piracicaba, estima que os resíduos sejam de cerca de 13% do fluxo total de produtos – vale ressaltar que uma parcela é doada a um programa social em colaboração com o Sesc da cidade. Além disso, acordos entre atacadistas e clientes são realizados para a venda de produtos danificados por menores preços.

BAIXO APORTE FINANCEIRO

As Ceasas pouco contam com aporte financeiro do governo federal para modernizar a infraestrutura. No geral, os recursos disponíveis vêm dos aluguéis dos permissionários e praticamente todo esse valor é destinado ao custeio mensal das Centrais. Assim, sem investimentos externos, não se observa melhoria no estabelecimento. Pelo contrário, as Ceasas estão praticamente defasadas em termos de infraestrutura quando comparadas aos centros de distribuição privados existentes hoje no País. Além disso, alguns estabelecimentos, como a Ceagesp de Piracicaba, estão ociosos em termos de espaço, faltando permissionários para manter o mínimo de custeio da Central, intensificando ainda mais o problema da falta de recursos.



Foto: Divulgação

BAIXA ARTICULAÇÃO/ORGANIZAÇÃO DOS PERMISSIONÁRIOS

Além de problemas administrativos nas Ceasas, a falta de organização entre os permissionários também acaba atrapalhando a gestão das Centrais. Segundo entrevistados, as reuniões entre permissionários são raras e geralmente ocorrem quando há necessidade de discussões sobre o rateio de gastos de manutenções mensais (como segurança e limpeza). Assim, pouco se fala sobre modernização e possíveis investimentos.

QUAL A SOLUÇÃO

Atualmente, há mais consenso em um modelo de parceria público-privado do que privatização, à medida que o interesse de investidores em gerir uma boa parte das centrais é baixo. Ressalta-se, no entanto, que um parceiro privado poderia auxiliar a parte administrativa. Para Hélio Satoshi Watanabe e Paulo Roberto Ferrari, engenheiros agrônomo da Ceagesp de São Paulo, o principal benefício em ter a iniciativa privada participando da gestão da empresa é trazer aporte financeiro e também melhorar a gestão das Centrais. Na visão de Marcos Ludovico Valentini, gerente da Ceagesp de Piracicaba, os investimentos seriam mais certos se o aporte financeiro fosse da iniciativa privada, uma vez que o investidor acompanharia de perto a situação da central. Flávio Godas, da Ceagesp, ressalta, no entanto, que o governo tem funções que devem ser preservadas, como a regulação, fiscalização e monitoramento do abastecimento.

Para a parte de infraestrutura, a parceria público-privada também poderia ser benéfica, principalmente nas Centrais de maior atratividade. O governo pode criar linhas específicas de financiamento para a modernização das Centrais e a iniciativa privada poderia entrar como investidora, gestora desses recursos.

No geral, a percepção pelos depoimentos e pelo histórico das Ceasas é que o abastecimento das frutas e hortaliças tem que ter uma participação ainda atuante do estado, mas em questões nacionais como regulação e fiscalização da segurança do alimento. O estado tem que ter um papel mais atuante na definição e condução de políticas nacionais de abastecimento. No entanto, é latente que na questão de infraestrutura e, principalmente, na gestão, o papel da iniciativa privada (no geral) ou misto – descentralizado e autônomo – se torna necessário para dar mais efetividade a ações de modernização das Centrais. ■

PRIVATIZAÇÃO É UMA DAS SAÍDAS



“Eu não entendo o porquê de o governo gerir uma empresa de consumo de mercadorias, uma vez que não intervimos na formação de preços, formados pelos próprios agentes de mercado. Uma parceria público-privada seria melhor. Ainda assim, algumas funções, como fiscalização e monitoramento, devem ser mantidas com governo para a melhor execução”.

Flávio Godas, analista econômico e coordenador da Seção de Economia e Desenvolvimento da Ceagesp desde 1999.

“A privatização seria algo positivo, já que impulsionaria a modernização da Ceagesp.”

Hélio Satoshi Watanabe (à esquerda), engenheiro agrônomo do Centro de Qualidade Hortigranjeira da Ceagesp (SECQH).

“A administração pública não é eficiente. Eu vejo o governo como um órgão de fiscalização, e não administrativo.”

Paulo Roberto Ferrari (à direita), do Centro de Qualidade, Pesquisa e Desenvolvimento da Ceagesp.



“Independente do modelo de gestão futuro a ser adotado, a organização da Central de Abastecimento deve ser realizada de modo estratégico e de forma planejada, para atrair mais atacadistas e ocupar o espaço ocioso, no caso de Piracicaba.”

Marcos Ludovico Valentini (à direita) é gerente e **Adenilson da Silva Teles (à esquerda)** é técnico de operações do posto da Ceagesp em Piracicaba (SP).

PARA AS CEASAS?

Principais entraves e alternativas para a modernização das Ceasas no País

PROBLEMA

Falta de coordenação central efetiva para promover/regular/fiscalização o abastecimento das Centrais atacadistas

Modelo de gestão ineficiente

Infraestrutura ultrapassada

SOLUÇÃO

Independente do modelo de gestão a ser adotado para cada Ceasa, são urgentes novas medidas nacionais de qualidade e de segurança alimentar. Além da necessidade de ter uma política própria em prol da segurança e qualidade do alimento. Os produtos comercializados nas Ceasas poderiam ser incluídas em mecanismos de preços mínimos e de comercialização desenvolvidas pelo governo federal.

Os desafios são comuns, mas não há um modelo único de gestão que funcione para todas as Ceasas. Por isso, cada unidade poderia ter autonomia de adaptar sua administração conforme suas necessidades e recursos disponíveis. Um exemplo disso é a Ceasa de Campinas (SP), em que a gestão é municipal e tem apresentado resultados positivos.

É importante desenvolver uma infraestrutura inovadora e ágil, que facilite a logística interna e a distribuição dos produtos nos boxes.

Deixe essa novidade surpreender você.



Melancia híbrida
BARHAN F1



- Precocidade
- Bom pegamento de frutos
- Polpa firme

Resistência moderada a Co e Fon
Co - Colletotrichum orbiculare / Fon - Fusarium oxysporum f. sp. niveum

28 DE JULHO
DIA DO AGRICULTOR

VOCÊ FAZ DO CAMPO A
NOSSA MAIOR FORÇA.

OBRIGADO

CURTA NOSSAS REDES SOCIAIS
AGRISTAR DO BRASIL



TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

19 3514-7330 - www.agristar.com.br



foto: Ricardo Galvagni - Cristalina (GO)

Safra de verão se encerra; temporada de inverno tem início

Preços devem registrar leve baixa em agosto

Os preços da cenoura em São Gotardo (MG) podem cair em agosto devido à intensificação da safra de inverno. Em julho, as cotações oscilaram nas duas primeiras semanas do mês, apresentando queda na primeira, ocasionada por conta de excesso de mercadoria disponível no final da safra de verão, e alta na segunda, devido à transição da safra de verão para a de inverno diminuindo a oferta na praça. Porém, os preços de algumas variedades fecharam o mês em baixa. O clima mais ameno e seco nos últimos meses reduziu a quantidade de cenouras do tipo "G" (mais graúdas), pois as baixas temperaturas aumentam o ciclo de desenvolvimento das raízes. Com isso, em julho, a produtividade ficou 12% maior em relação ao mesmo período do ano passado e 7% acima de junho/18.

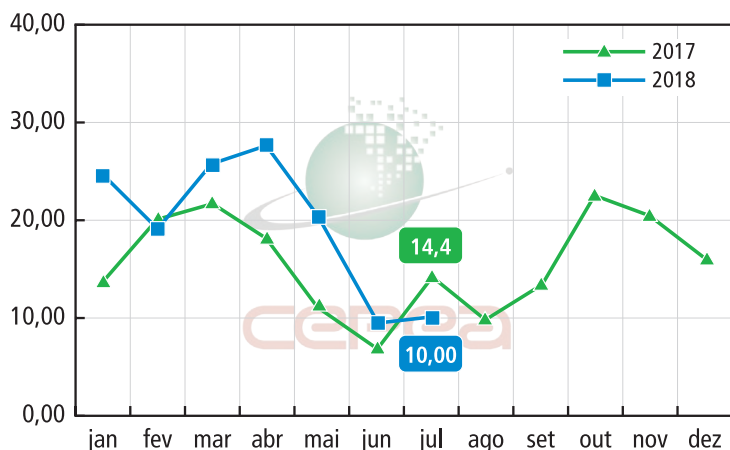
Atraso na colheita reduz oferta em GO

Cristalina (GO) também deve apresentar recuo de preços em agosto. A colheita da safra de inverno, que normalmente se inicia em julho, atrasou, devido ao frio, que prolonga o desenvolvimento das raízes. Assim, a oferta tende a se intensificar em agosto com o início das atividades e, conseqüentemente, as cotações podem se reduzir. Em contrapartida, a demora para o início da temporada de inverno contribuiu para redução na oferta de cenouras no mercado goiano e, como consequência, os preços também

se elevaram na segunda semana de julho, assim como em MG. No mês passado, a caixa de 29 kg de cenoura "suja" foi comercializada na média de R\$ 17,00 em Cristalina, valor 13% abaixo do observado no mês anterior, enquanto os custos de produção foram de R\$ 7,70/cx. Como o Cerrado Mineiro tem grande representatividade na produção de cenoura, a maior oferta no Cerrado Mineiro, acarretada pela intensificação da colheita das variedades de inverno no final do mês de julho, também é um dos fatores que pode levar a retração dos preços no mês de agosto em Goiás. Além disso, o clima relativamente frio e seco reduziu a incidência de cenouras tipo "G" e proporcionou cenouras de melhor qualidade. A produtividade em julho foi de 89 t/ha, 29% superior em relação a junho. Mesmo com uma menor necessidade do uso de defensivos, devido à redução de doenças nas lavouras, por causa do clima mais frio, ainda são necessárias mais adubação e aplicação de fertilizantes, levando em conta o desenvolvimento mais longo das variedades de inverno.

Com aumento da oferta, preços devem cair em agosto no PR

A expectativa para agosto é de aumento da oferta em Marilândia do Sul (PR), após julho ser marcado por pouca disponibilidade de cenoura, devido à transição da safra de verão para a de inverno e à cautela de produtores paranaenses quanto aos investimentos – como o último verão foi marcado por prejuízos e dificuldades de obtenção de crédito, a área plantada foi reduzida. A produtividade da safra de verão 2017/18 se manteve em relação à temporada passada, fechando com cerca de 49 t/ha. A colheita das variedades de inverno, que tende a se intensificar em agosto, pode contribuir para pressionar as cotações. De modo geral, a qualidade e a produtividade foram consideradas satisfatórias na região paranaense – o rendimento das lavouras foi de 60t/ha. Diante da previsão de clima favorável à cultura (seco e com pouca chuva), a produtividade tende a seguir com bom rendimento em agosto.



Com transição de safras, preço fica estável em julho

Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo pela cenoura "suja" na roça - R\$/cx 29 kg

Fonte: Cepea





Transplântio da 2ª parte da safra de inverno e de verão ocorrem em agosto

Clima seco dificulta transplântio

Até o final de agosto deverão ser transplântados cerca de 70% da segunda parte da safra de inverno de Sumaré (SP), Paty do Alferes (RJ), Sul de Minas e Norte do Paraná. A previsão é que a região fluminense encerre o plantio já neste mês, Sumaré e Sul de MG em setembro, e o norte do PR apenas em novembro. Devido aos problemas fitossanitários enfrentados na primeira parte da temporada de inverno, que prejudicaram a rentabilidade, produtores de Paty reduziram a área em 20%. O clima bastante seco neste ano na maior parte dessas regiões vem dificultando o preparo do solo e preocupa agricultores, por causa da maior incidência de pragas. Em Sumaré, o uso do *mulching* também está se tornando uma tendência, uma vez que a sua utilização otimiza o aproveitamento de água e ajuda a reduzir o aparecimento de plantas daninhas.

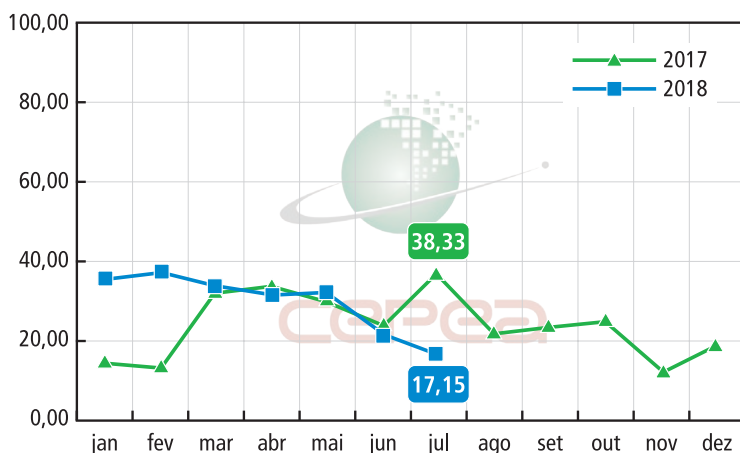
Plantio da safra de verão também se inicia

Em agosto serão realizados os transplântios das primeiras lavouras de tomate da safra de verão 2018/19 em Itapeva (SP), Venda Nova do Imigrante (ES), Reserva (PR) e Nova Friburgo (RJ). Na região paulista, o plantio deve representar menos que 5% da área total da safra neste mês. Já em Venda Nova do Imigrante, apesar da expectativa de manutenção da área, estima-se que foram semeados em julho apenas metade do que era previsto e, até o fim de agosto, 6% pode ser transplântado. O atraso

se deve à estreita margem do produtor, devido aos preços baixos entre junho e julho, o que fez com que adiasse boa parte do semeio das mudas para setembro. Em Reserva, devem ser transplântados cerca de 30% das mudas em agosto. Em Nova Friburgo, devido ao clima mais frio na região, não foi realizado o semeio esperado em julho, devendo se concentrar neste mês. Nesta praça, doenças de solo ligadas ao cultivo sucessivo na mesma área fizeram com que alguns produtores utilizassem mudas enxertadas.

Tomaticultura começa a se recuperar em 2018

A safra de verão 2017/18 (novembro/17 a junho/18) fechou com preços 36,75% acima dos custos de produção. Na primeira parte da temporada de inverno, em curso, apesar dos preços mais baixos em junho e julho, a rentabilidade também ficou positiva. É o caso de Mogi Guaçu (SP), onde a produção entre maio e junho somou 390 cx/mil pés, preço ponderado de R\$ 35,59/cx e custos de R\$ 25,25/cx. Sumaré (SP), que na primeira parte da temporada de inverno produziu 360 cxs/mil pés, teve preço médio ponderado de R\$ 39,43/cx e rentabilidade positiva de 13,8%. Paty do Alferes (RJ) enfrentou problemas com a produção em maio, mas as cotações também fecharam no azul até junho: R\$ 30,60/cx, 31,15% maior que os custos (R\$ 23,33/cx). Em Venda Nova do Imigrante (ES), entre abril e junho, a caixa foi vendida por R\$ 34,44, valor 12,33% superior aos custos de produção (R\$ 30,66/cx). Em Araguari (MG), de março a junho, a rentabilidade foi 19% maior, com preço médio ponderado de R\$ 30,18/cx. Apesar desses bons números, não são todos os produtores que se capitalizaram, visto que alguns tiveram produtividade mais baixa e tomates com menores calibre e qualidade, interferindo diretamente nas cotações. Até mesmo aqueles produtores que conseguiram receita positiva na safra de inverno ainda têm dívidas de anos anteriores, sem contar a inadimplência. Assim, pode-se concluir que 2018 é um ano de recuperação para o setor, e não de forte capitalização.



Safra de inverno pressiona cotações em junho

Preços médios de venda do tomate salada 2A longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 22 kg

Fonte: Cepea





É pico de safra de inverno

Preços devem recuar ainda mais neste mês

A colheita de batata da safra de inverno se intensifica neste mês, com oferta de 22% da produção. Vargem Grande do Sul (SP), principal praça produtora nesta temporada, chega ao pico de produção e cerca de 35% da sua área pode ser colhida em agosto. Além da região paulista, Cristalina (GO) também deve entrar em pico de safra, com colheita de 20% do total. O Sudoeste Paulista também estará com as atividades de campo a todo o vapor, mas da safra das secas – nos últimos anos, esta região vem deslocando o calendário de colheita para o segundo semestre, coincidindo com a temporada de inverno, e em 2018 pode ofertar 65% das batatas cultivadas na safra das secas na de inverno. Com as atividades de campo intensas, a expectativa é que os preços caiam ainda mais neste. O clima segue bastante favorável à produção em todas as praças. No entanto, o bom desempenho das lavouras pode não resultar em boa rentabilidade, já que as elevadas produtividade e área colhida devem pressionar as cotações.

Plantio da safra das águas começa em agosto

Devido ao cenário pouco satisfatório para a bataticultura desde novembro de 2016, muitos produtores estão com dificuldade em manter os investimentos para a temporada das águas 2018/19, cujo plantio será iniciado em agosto. Produtores relatam dificuldades em obter crédito para a compra

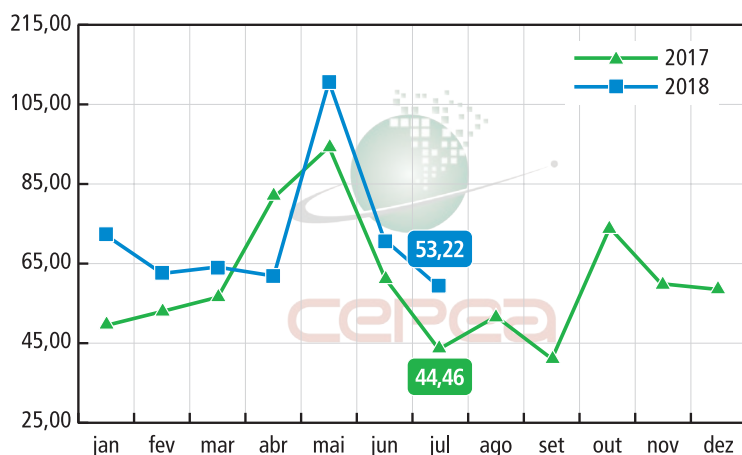
de insumos, uma vez que acumularam dívidas em safras anteriores. Outro fator que também inibe os investimentos é a alta do dólar neste ano, que eleva os custos de fertilizantes e defensivos. Cerca de 40% da área da temporada das águas deve ser cultivada em agosto, com as atividades concentradas no Paraná e em Ibiraiaras (RS).

Paraná encerra safra das secas com baixa rentabilidade

A safra das secas 2018 (de maio a julho) do Paraná terminou novamente “no vermelho”. Apesar dos preços razoáveis ao produtor, a baixa produtividade prejudicou a rentabilidade. Ao contrário do que é comum acontecer no estado nesta época, a falta de chuvas foi o principal motivo que diminuiu o rendimento no campo. Em maio, a produtividade média na região de Curitiba foi de 26 t/ha e, em junho, de 17,5 t/ha. O preço médio da batata na região, ponderado pelo calendário de colheita e classificação, foi de R\$ 40,74/sc, valor 17% abaixo dos custos de produção, que foram de R\$ 49,19/sc. A colheita das secas se concentrou em junho, quando cerca de 65% da área total cultivada foi colhida – em maio, apenas 10% foram ofertados e, em julho, 25%.

1º semestre termina com preços 13% maiores que em 2017

Apesar de muitos bataticultores não terem se capitalizado no primeiro semestre de 2018, os preços médios estiveram 13% acima dos valores praticados no mesmo período de 2017. A batata especial tipo ágata teve média de R\$ 46,95/sc de 50 kg de janeiro a junho, enquanto que, no ano passado, foi de R\$ 40,70/sc. A melhor rentabilidade em 2018 está atrelada à menor oferta em função da redução de área cultivada, e também ao fato de que, no ano passado, o clima foi mais favorável à produção, elevando a disponibilidade naquele período. Os preços da batata só não foram maiores na primeira parte deste ano pois a qualidade ficou aquém do esperado em algumas regiões.



Preço tem novo recuo com avanço da safra

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepea

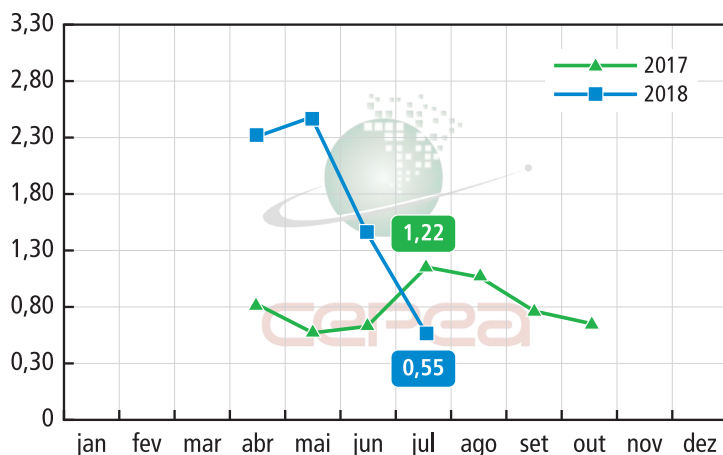




Colheita da 1ª safra em Irecê chega ao fim

A colheita da primeira safra de cebolas em Irecê (BA) terminou em julho, finalizando a comercialização dos bulbos do primeiro semestre – vale ressaltar que a temporada na região baiana é bastante espaçada, com oferta praticamente o ano todo. Produtores de Irecê reduziram a quantidade plantada entre os meses de julho e setembro do ano passado para evitar a concorrência com outras importantes praças produtoras, como Cerrado, São Paulo e Vale do São Francisco. A colheita da primeira safra de 2018 teve início em abril e pico em maio e junho. Apesar de as chuvas do início deste ano terem amenizado a seca e contribuído para o abastecimento dos poços artesianos. Por outro lado, afetaram a produtividade dos primeiros bulbos (colhidos entre abril e maio) e aumentaram a incidência de bacterioses. Com isso, a produtividade na região caiu 30% em relação ao mesmo período da safra passada (abril a junho), cenário que contribuiu para impulsionar as cotações. O preço médio ao produtor de abril a julho foi de R\$ 1,68/kg, alta de 105% frente ao mesmo período do ano passado. A redução na área cultivada com cebola, estimada em 15,4%, também auxiliou nas baixas dos valores. Quanto à colheita do segundo semestre de Irecê, deve se iniciar em agosto.

Oferta no Cerrado ainda deve ser elevada em agosto



Preço despensa em Irecê

Preços médios recebidos por produtores de Irecê pela cebola híbrida na roça - R\$/kg



Fonte: Cepea

Em agosto, a colheita de cebolas no Triângulo Mineiro e em Cristalina (GO) deve continuar intensa – a expectativa é que sejam colhidos 20% em MG e 29% em GO. Para a safra 2018, houve aumento de área de 10% na região mineira e de 8% na goiana, devido à boa remuneração obtida pelos produtores em 2017, que incentivou investimentos na cultura. Além disso, outras culturas produzidas nas regiões não tiveram boa rentabilidade, favorecendo o setor de cebola. O volume nacional de bulbos está alto, cenário já esperado para o período, uma vez que o Sudeste e o Nordeste também estão ofertando. Nesse cenário, os preços da hortaliça no Cerrado recuaram 55% em julho, fechando o mês a R\$ 19,40/sc de 20 kg. Segundo colaboradores, devido à elevada disponibilidade, a comercialização com o Paraguai se aqueceu, limitando uma maior queda nos preços. Segundo dados da Secex, o volume enviado para o país vizinho foi de 1710 toneladas em julho. Outro fator que contribuiu para frear as baixas mais intensas nas cotações foi o intervalo de colheita, de aproximadamente 10 a 15 dias, que ocorreu na segunda quinzena de julho no Triângulo Mineiro.

Colheita em Mossoró tem início no final do mês

A colheita das cebolas da temporada 2018 de Mossoró (RN) deve começar no final de agosto, mas com volume ainda baixo. O plantio se iniciou em maio e se estende até setembro. Diferente dos anos anteriores, durante o semeio em 2018 do primeiro semestre não houve falta de água, já que em 2017 os poços artesianos foram abastecidos. Assim, após 2 anos registrando queda no cultivo de cebola na região, em 2018 a área aumentou 14,3%. Segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea, se os preços forem atrativos neste início de safra, a área plantada entre setembro e outubro pode aumentar ainda mais, na intenção de colher um maior volume entre dezembro e janeiro de 2019 – período de baixa oferta nacional. Para esta temporada, a perspectiva para a produção de cebolas é boa, devido às condições climáticas favoráveis até o início de agosto.





Aumento da oferta deve pressionar cotações em agosto

Clima pode elevar produtividade

O clima neste mês, frio e sem chuvas, deve seguir favorecendo a produtividade das roças de alface nas regiões paulistas de Mogi das Cruzes e Ibiúna, o que pode elevar a oferta da folhosa. Nesse cenário, as cotações devem recuar em agosto. Porém, com as chuvas no início de agosto e as temperaturas mais baixas, as incidências de doenças de inverno - como míldio e esclerotínia - podem retornar, impactando nas cotações e na qualidade das alfaces. Em julho, os preços da hortaliça registraram altas. As temperaturas mais baixas durante o mês retardaram o desenvolvimento das folhosas, resultando em pés de menor tamanho e reduzindo o volume disponível para comercialização, principalmente no início do mês. Além disso, o plantio de alfaces também diminuiu, contribuindo para limitar a oferta. Em Mogi das Cruzes, a variedade crespa teve preço médio de R\$ 11,24/cx com 20 unidades em julho, valorização de 2,70% frente a junho. Em Ibiúna, o preço da americana registrou alta de 30,71% na mesma comparação, para a média de R\$ 9,15/cx com 12 unidades. Segundo viveiristas, a demanda por mudas também deve continuar baixa neste mês, por conta do menor consumo do produto nesta época do ano.

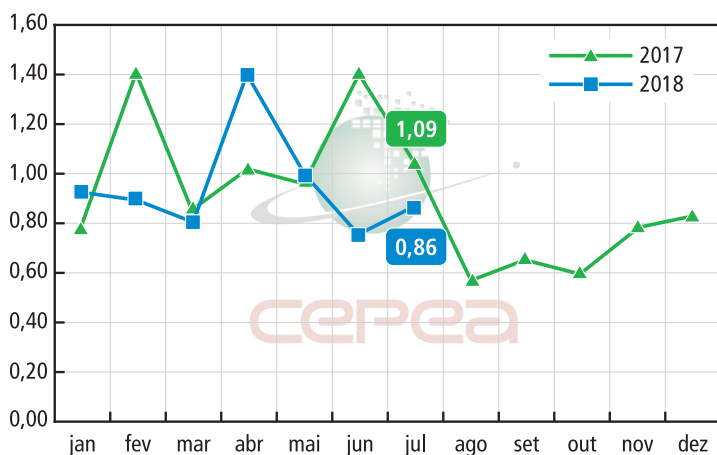
Vendas devem seguir baixas na Ceagesp

O retorno das aulas neste mês deve elevar a demanda por folhosas no atacado - as vendas cos-

tumam diminuir em julho, por conta das temperaturas mais baixas e das férias escolares. A maior procura, porém, não deve ser suficiente para aquecer o mercado de alface, visto que a produção tem previsão de aumento e que o clima segue frio, o que desfavorece o consumo do produto. No entanto, entre o final de julho e começo de agosto, as vendas foram prejudicadas pelas chuvas, que resultaram em um menor escoamento. Em relação à qualidade, as folhosas estão sendo comercializadas em tamanhos maiores no atacado - devido ao maior tempo de permanência na roça - e não há relatos de problemas na qualidade até o fechamento desta edição. Ainda assim, em julho, a alface crespa teve preço médio de R\$ 12,60/cx com 24 unidades na Ceagesp, 13,04% maior que o registrado em junho. Para a americana, a alta foi de 14,67%, para a média de R\$ 15,54/cx com 18 unidades. Frente ao mesmo período do ano passado, os preços da crespa e da americana no atacado paulistano foram, respectivamente, 19,40% e 21,04% menores em 2018.

Estiagem pode afetar qualidade e produtividade no RJ

A seca em Teresópolis (RJ), capaz de reduzir significativamente o volume de alfaces ofertado pela região, foi amenizado com as chuvas no fim de julho. Com a baixa disponibilidade de água na praça fluminense, as irrigações estavam sendo feitas em frequências menores, o que afeta na qualidade e produtividade das roças locais, que era considerada satisfatória - até o mês passado, não havia registros de doenças nas roças de Teresópolis. Porém, com as precipitações no final do mês passado, a oferta foi reduzida (muita mercadoria estragou nas roças), resultando em poucas sobras no início de agosto - o que pode elevar os preços na região no decorrer do mês. Mesmo assim, os preços subiram nessa praça em julho, já por conta do menor volume disponível para venda, que também esteve atrelado ao atraso no desenvolvimento dos pés e à redução do plantio. Em julho, a variedade crespa teve preço médio de R\$ 6,76/cx com 18 unidades em Teresópolis, aumento de 38,44% frente ao de junho.



Preço da americana sobe 14,67% em julho

Preços médios de venda da alface americana no atacado de São Paulo - R\$/unidade

Fonte: Cepea



NÃO ELEJA PRAGAS

ihara.com.br

Não deixe os insetos governarem sua lavoura. Confirme **ELEITTO**, o novo inseticida de **amplo espectro** com **ação de choque** e **longo residual**. Especialmente desenvolvido pela IHARA para a hortifruticultura, **ELEITTO** coloca sua produção em primeiro lugar.



Pode ser aplicado via terrestre ou aérea em qualquer fase da cultura, inclusive na florada



Pode ser aplicado próximo à colheita



Multipragas



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Use exclusivamente agrícola.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.

Eleitto

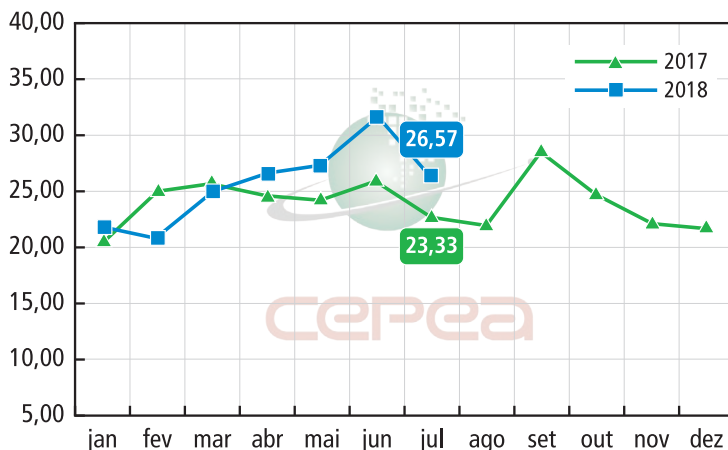
IHARA

**Agricultura
é a nossa vida**



Colheita da safra 2018/19 se inicia no RN/CE

A oferta de melão deve aumentar em agosto, visto que a colheita da temporada 2018/19 deve se intensificar neste mês no Rio Grande do Norte/Ceará, de acordo com colaboradores do Hortifruti/Cepea. Com isso, a fruta, que já havia se desvalorizado no mercado brasileiro, pode continuar apresentando quedas de preço. Vale ressaltar que, apesar de 75% do total produzido nessa região ser destinado ao mercado internacional, um maior volume pode ser disponibilizado no mercado doméstico nos primeiros meses da safra, em decorrência do possível atraso na colheita da temporada espanhola (principal fornecedora da fruta na União Europeia). Além disso, temperaturas mais baixas nas principais regiões consumidoras (Sul e Sudeste) durante o inverno devem continuar limitando a demanda por melões – esse cenário já foi observado em julho, o que, vinculado à maior oferta de calibres reduzidos, pressionou as cotações do amarelo tipos 6 e 7 em 18%, para a média de R\$ 26,57/cx de 13 kg na Ceagesp. Houve relatos de que foram as baixas temperaturas que limitaram o desenvolvimento dos melões nas roças, principalmente no período da noite, aumentando a oferta de miúdos. Além disso, como as escolas são as principais compradoras dos melões de menor calibre, as férias escolares diminuirão ainda mais as vendas das frutas com esses tamanhos.



Preços recuam com férias

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 na Ceagesp - R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cepea

Disponibilidade de nobres também aumenta neste mês

A produção de melões nobres também deve aumentar consideravelmente na região potiguar/cearense em agosto, devido à colheita da safra 2018/19. Segundo colaboradores consultados pelo Hortifruti/Cepea, o pele de sapo produzido no Vale do São Francisco (BA/PE) também deve ser disponibilizado neste mês. Apesar de parte da produção de melões nobres ser enviada ao mercado internacional, onde essas variedades são bastante apreciadas, os preços devem recuar no mercado interno, onde a oferta também deve ser elevada. Em julho, os melões cantaloupe tiveram preço médio de R\$ 28,17/cx de 10 kg na Ceagesp, alta de 13% frente ao do mês anterior. Vale lembrar que o volume de melões nobres estava reduzido no mês passado, e que as cotações estavam em patamares mais elevados que as do amarelo. Assim, as desvalorizações podem ser mais expressivas para essas variedades.

Atraso da colheita na Espanha pode prejudicar exportações brasileiras

O Brasil é um dos principais fornecedores de melão à União Europeia durante o período de entressafra do bloco, que se estende por cerca de sete meses. Na última temporada, os envios tiveram início em agosto/17 e término em março/18, intervalo que deve se repetir na safra 2018/19. Na Espanha, que domina o mercado europeu e é um dos maiores produtores e exportadores de melão do mundo, o final da safra geralmente coincide com o início dos embarques brasileiros, em agosto. Contudo, neste ano, a expectativa é de que a temporada espanhola se estenda por mais tempo, o que pode interferir nos primeiros envios da fruta brasileira. O clima desfavorável ao cultivo deve adiar a colheita em Castilla-La Mancha, onde as atividades devem seguir até setembro. Porém, vale ressaltar que essa praça plantou menos melões neste ano, o que pode diminuir o impacto nos embarques brasileiros.



Curta!

/Revista Hortifruti Brasil



foto: João Manoel

Boa rentabilidade dos últimos anos incentiva plantios

Aumento na oferta futura preocupa produtores

O expressivo aumento da área plantada de manga nos últimos anos tem preocupado mangicultores em todo o País. Isso porque, apesar dos bons resultados financeiros da cultura desde 2014, é necessário que o sistema de produção e o mercado consumidor também evoluam para que a atividade se mantenha viável. De 2014 a 2017, a área nacional alocada à fruta cresceu 9%, e a projeção é de que aumente mais 7% até o fim de 2018. A expansão dos pomares de manga no Brasil concentrou-se principalmente no Vale do São Francisco (PE/BA) e no Norte de Minas Gerais. Porém, mangicultores dessas praças afirmam estar cautelosos quanto a expandir suas plantações. Além disso, os novos pomares estão cada vez mais adensados, produzindo grandes quantidades. A oferta de manga deve aumentar bastante nos próximos dois anos, quando esses novos pomares estarão em idade produtiva – cenário que salienta ainda mais a importância de expandir os mercados. Muitos mangicultores acreditam que o hábito de consumo da fruta ainda está muito aquém do potencial no Brasil, principalmente devido à redução do poder aquisitivo da população, que limita o aumento do consumo. Ainda assim, a maior parte da produção nacional é consumida internamente, levando produtores a focar no mercado externo como alternativa para escoar o volume adicional que será ofertado em breve. As exportações de manga já aumentaram significativamente nos últimos anos, mas permanecem abaixo das expectati-

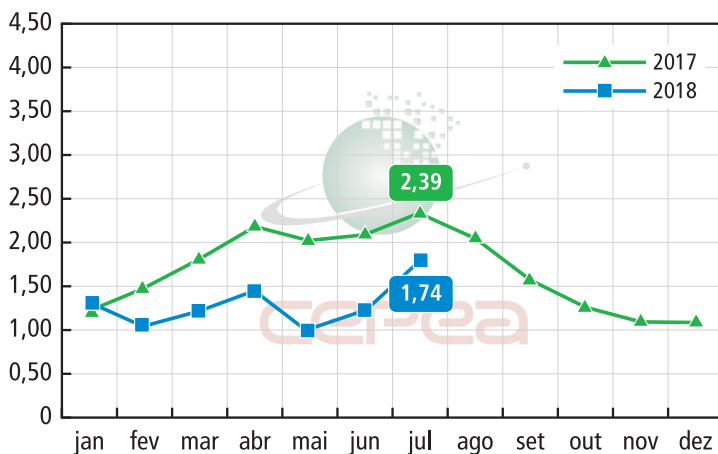
vas, visto que, segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea, o estabelecimento de novas relações comerciais depende de longos processos burocráticos.

Clima prejudica safra de Livramento

Em um ano em que chuvas e temperaturas mais amenas pareciam colaborar com os pomares de manga de Livramento de Nossa Senhora (BA), o clima resolveu pregar mais uma peça nos produtores. Mesmo após uma florada muito promissora, o frio e o ar seco resultantes de uma frente fria que passou pela região abortaram parte das flores. Isso desanimou mangicultores locais, que esperavam uma grande produção no segundo semestre e apostavam em um ano melhor. Ainda não se sabe a dimensão dos danos, uma vez que muitos mangicultores podaram as árvores com a intenção de induzir mais uma florada, ainda que tardia, na tentativa de recuperar as perdas.

África do Sul abre mercado para manga brasileira

Em julho, Brasil e África do Sul firmaram parceria para a exportação da manga nacional para o país sul-africano. As negociações transcorriam desde 2015, devido a questões burocráticas sanadas pelo Departamento de Sanidade Vegetal e Secretaria de Defesa Agropecuária, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – em meados do mês passado, autoridades da África do Sul aprovaram o modelo de certificação fitossanitária para importação da fruta nacional. Mangicultores brasileiros se mostraram bastante satisfeitos com esse desfecho, já que estão preocupados com o grande volume que deve ser produzido nos próximos anos – esses agentes consideram fundamental a expansão das exportações no mercado internacional, já que pretendem manter a cultura rentável. Porém, os envios para a África do Sul, que podem começar ainda neste ano, dependem de uma definição logística – exportadores brasileiros ainda precisam determinar e testar uma rota viável de exportação ao país africano para que os embarques tenham início.



Preço continua subindo em julho

Preços médios recebidos por produtores do Vale do São Francisco (BA/PE) pela palmer - R\$/kg



Fonte: Cepea





foto: Luiz Furman

Sugestão: BA e SP se preparam para plantio em agosto

Plantio começa na Bahia

O semeio de melancias em Teixeira de Freitas (BA) deve ser iniciado em agosto, segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea. A área da safra 2018/19 deve ser de apenas 1.500 hectares, redução de 6% frente à temporada anterior, cujo plantio já havia se reduzido. Ainda que o calendário de oferta siga sem alterações (de outubro a abril), produtores devem concentrar o plantio a partir de novembro, com foco para colher na segunda parte da safra (de fevereiro a abril). Assim, devem ser plantadas poucas áreas em agosto, devido à preocupação com o volume de chuvas no período, uma vez que o excesso de precipitações pode retirar os defensivos utilizados na lavoura e aumentar a incidência de doenças, como a antracnose – vale lembrar que, em 2017, as chuvas impediram o plantio em agosto. Na temporada 2018/19, melancicultores esperam que as primeiras frutas sejam colhidas na segunda quinzena de outubro. Neste período, há expectativas de bons preços, já que a safra de Uruana (GO) deve estar próxima da finalização, e a área colhida em São Paulo deve ser reduzida.

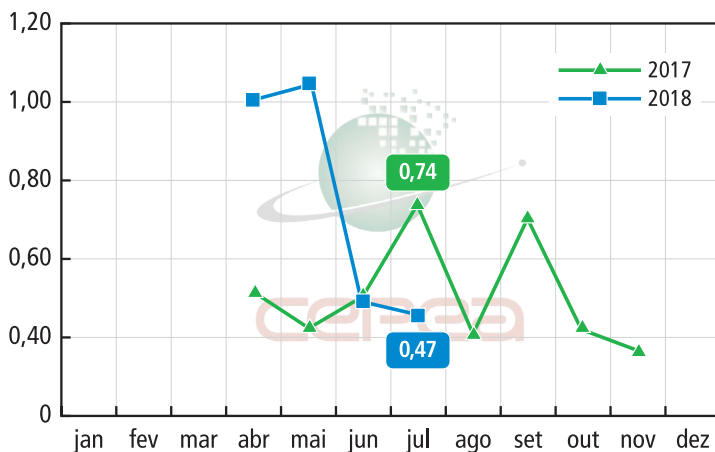
Em SP, plantio começa, mas em menor ritmo

Agosto também será de plantio no interior de São Paulo, segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea. Contudo, as atividades podem ser realizadas em menor ritmo, devido ao tempo seco na região. Produtores registraram dificuldades no

preparo de terra, já que a umidade do solo está abaixo do esperado. Assim, alguns optaram pela irrigação, mas ainda temem danos no desenvolvimento da fruta. Em Marília/Oscar Bressane, o semeio deve se iniciar na primeira semana do mês, enquanto que em Itápolis e Presidente Prudente, as atividades devem acontecer na segunda quinzena. A colheita da safra principal 2018/19 está prevista para começar entre a segunda quinzena de outubro e a primeira de novembro. Neste ano, espera-se colheita de 4.800 hectares em todo o estado paulista, registrando queda frente ao ano passado. Contudo, o tempo seco pode reduzir a produtividade, já que prejudica o enchimento e aumenta a incidência de tripes nas lavouras. Este cenário, somado à menor área colhida em Teixeira de Freitas (BA), pode permitir cotações remuneradoras.

Exportações começam; área no RN/CE deve se manter estável

As vendas de minimelancias brasileiras ao mercado internacional se iniciam em agosto, com previsão de que a área plantada no Rio Grande do Norte/Ceará, principal região exportadora, seja semelhante à do passado (2.000 hectares). Quanto aos contratos, foram fechados em meados de junho e, para esta temporada, espera-se que o ritmo de envios siga o da safra 2017/18, segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea. Na última safra (de agosto/17 a março/18), foram enviadas 71,5 mil toneladas de minimelancias ao exterior, segundo dados da Secex, aumento de 2% em relação à temporada anterior e novo recorde. Entre agosto e novembro/17, foi relatada maior incidência de pragas, como a mosca branca. Entretanto, neste ano, os investimentos em novas tecnologias, principalmente controle biológico, podem atenuar os impactos. A temporada de exportações deve seguir até abril de 2019, com a finalização da colheita no RN/CE. Produtores têm boas expectativas, principalmente quanto à produtividade, que tem aumentado ano a ano mesmo com a crise hídrica, devido ao investimento em novas tecnologias.



Preço em julho é 57% inferior a julho/17

Preços médios de venda da melancia graúda (>12 kg) em Uruana (GO) - R\$/kg

Fonte: Cepea



Sementes de Vegetais Syngenta: ciência, pesquisa e 150 anos de inovação.

Nossas sementes estão na terra e na vida das pessoas.

Uma história escrita com paixão pela inovação, traduzida em sementes com alta tecnologia, rentabilidade, produtividade e qualidade para contribuir com a alimentação do nosso país e do mundo.

Sementes de Vegetais Syngenta

+ Inovação + produtividade + qualidade



saiba mais > portalsyngenta.com.br

Qualidade
Produtividade

syngenta®



Seca afeta qualidade da safra 2018/19, mas pode favorecer floradas

As chuvas estiveram abaixo da média em praticamente todo o primeiro semestre deste ano no estado de São Paulo – cenário que retardou o desenvolvimento das laranjas da temporada 2018/19, principalmente em pomares sem irrigação. Assim, além da oferta já limitada (após o pagamento ter sido comprometido no fim de 2017), as frutas colhidas nesta safra têm apresentado menor qualidade. Dentre os reflexos da seca, produtores destacam o calibre das laranjas e a murcha das frutas, principalmente da variedade pera. Esse fator fez com que citricultores acelerassem a colheita para evitar que as frutas perdessem ainda mais a qualidade. Com o padrão depreciado, muitas laranjas não eram aceitas no segmento *in natura*, fator que elevou a oferta de frutas para processamento e, conseqüentemente, controlou a disponibilidade – mantendo as cotações da pera em bons patamares. Contudo, vale lembrar que, se o clima seco prejudica o desenvolvimento das laranjas da safra 2018/19, o estresse hídrico pode ser, por outro lado, benéfico às floradas (que dão origem às frutas na temporada 2019/20). Porém, produtores lembram que é necessário que as chuvas retornem, para que ocorra a indução das floradas. Neste sentido, citricultores esperam que precipitações significativas ocorram em São Paulo ainda neste mês, considerando-se que as floradas sejam registradas até o início de setembro, como observado em 2017. Até o fechamento desta edição, ainda não

Falta de chuva resulta em baixo calibre e frutas murchas

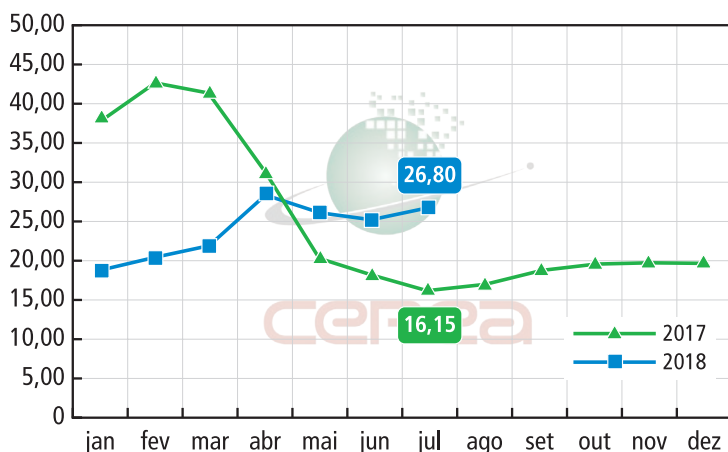
foram relatadas aberturas nas regiões produtoras.

Moagem de precoces diminui, mas aumenta para a laranja pera

A moagem da laranja pera está se intensificando nas grandes indústrias paulistas, sendo que a variedade deve representar a maioria das frutas processadas até o fim deste mês. Em julho, a participação das precoces na moagem ainda era superior, devido ao *ratio* fora do padrão desejado da variedade de meia-estação. A previsão de agentes, portanto, é de que o volume de precoces nas processadoras comece a se reduzir neste mês – no mercado de mesa, a oferta dessas variedades se encerrou já na primeira quinzena de julho. Segundo produtores consultados pelo Hortifruti/Cepea, a colheita de precoces está praticamente finalizada na maioria das regiões paulistas.

Safra de poncã paulista termina com preços elevados

Como esperado por agentes, a safra paulista de tangerina poncã foi menos volumosa em 2018. Com as últimas frutas colhidas em julho, o mercado de mesa de São Paulo, agora, é abastecido principalmente por poncã de Minas Gerais. Segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea, a safra mineira deve perder força neste mês, mas ainda pode seguir até o início de setembro, tendo em vista que alguns produtores estão colhendo frutas de segundas floradas. Enquanto em 2017 a temporada paulista se prolongou por sete meses, neste ano, a oferta da poncã se encerrou em cinco. Nominalmente, os valores da variedade em 2018 se mantiveram acima das médias em todos os meses equivalentes em 2017 (de março a julho). No mês passado, a tangerina poncã teve média de R\$ 27,91/cx de 27 kg, na árvore, alta de 11% em relação a julho/17. A menor oferta neste ano, por sua vez, esteve atrelada ao clima desfavorável durante o desenvolvimento dos frutos no segundo semestre de 2017 e ao menor vigor vegetativo das plantas, após a safra elevada do ano passado.



Com oferta controlada, cotações da pera seguem firmes

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela laranja pera - R\$/cx de 40,8 kg, na árvore



Fonte: Cepea



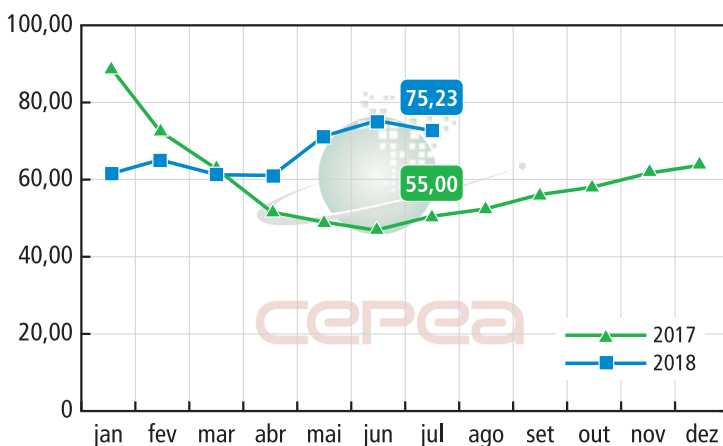


foto: Pomagri

Expectativa inicial indica florada 2018/19 dentro da média

Brotação dos pomares deve se iniciar em agosto

A quebra de dormência das macieiras no Sul do Brasil deve ser realizada no período usual, entre o final de agosto e o início de setembro – com exceção de algumas propriedades, onde a brotação pode ser antecipada para meados de agosto –, de acordo com colaboradores do Hortifruti/Cepea. As baixas temperaturas e a ocorrência de geadas em junho levaram à queda das folhas. Em julho, podas foram realizadas com a finalidade de retirar galhos improdutivo e realizar manutenções necessárias, como cobertura de pomares e replantio. No entanto, para que a brotação seja boa e uniforme, as temperaturas devem se manter baixas. De 1º de abril a 1º de agosto, as Unidades de Frio (UF) ficaram abaixo da média nas principais regiões produtoras (com exceção de Fraiburgo (SC)), segundo dados da Epagri/Ciram. Nem mesmo a massa polar em julho – que ocasionou até neve em São Joaquim (SC) – foi suficiente para atingir o número necessário de UF's. Porém, as horas de frio superaram a média histórica em Vacaria (RS) e em Fraiburgo, mas foram inferiores em São Joaquim (embora muito próximas do limite), registrando, respectivamente, 484, 478 e 526 horas de frio. É importante destacar, ainda, que a maioria das gemas das plantas está frutífera e poucas são vegetativas – isso indica que a florada pode ocorrer dentro das expectativas para a temporada 2018/19.



Fim das férias pode aquecer negócios

Com o retorno das aulas, a expectativa para as vendas de maçã em agosto é positiva. Embora a produção nacional deva se direcionar ao mercado interno a partir deste mês – visto que as exportações foram praticamente encerradas – a tendência é que a oferta passe a ser cada vez mais controlada. Haverá menos produtores no mercado e todas as frutas comercializadas devem ser de câmaras com atmosfera controlada (AC). Além disso, a demanda deve se normalizar, de forma que os preços a partir de agosto devem ser mais firmes em relação ao primeiro semestre. Além disso, as festas julinas e as baixas temperaturas levaram o consumidor, de modo geral, a comprar menos frutas.

Balança comercial começa a recuar

A balança comercial de maçãs frescas deve se reduzir nos próximos meses, já que as exportações da fruta se encerram a partir de agosto. O valor obtido com as vendas externas da fruta até julho havia superado o das importações, e o saldo foi positivo para a balança comercial no período – no acumulado de janeiro a julho, a receita obtida com os envios resultou em US\$ 51,7 milhões, enquanto os gastos com as compras totalizaram US\$ 33,7 milhões, resultando em US\$ 17,9 milhões positivos para a balança comercial, segundo a Secex. Esse valor foi, ainda, 336% superior ao registrado no mesmo período de 2017 (US\$ 4,1 milhões positivos). Para os próximos meses, a expectativa é de que as importações sejam mais significativas, visto que deve haver maior controle da oferta interna – com redução do estoque até os últimos meses do ano. Além disso, a safra da Europa deve se iniciar, com expectativa de produção dentro da média, o que pode favorecer as exportações do continente – inclusive ao Brasil, que tem sido importante parceiro para alguns países. Porém, com a valorização do dólar frente ao Real, importadores podem limitar a compra, pois os valores da fruta estrangeira devem ser menos competitivos para os consumidores brasileiros.



Baixa demanda pressiona preços

Preço médio de venda da maçã gala Cat 1 (calibres 80 - 110) na Ceagesp - R\$/cx de 18 kg

Fonte: Cepea





Safra de niagara ganha ritmo

Preços de rústica devem recuar em agosto

Com a intensificação da safra de uva niagara (rústica) em Jales (SP) e em Pirapora (MG), volumes maiores devem chegar ao mercado a partir de agosto, pressionando as cotações recebidas por produtores. Mesmo com essa possível queda nos preços, viticultores de ambas as praças devem seguir com rentabilidade positiva nesta safra. Em julho, primeiro mês de colheita, as cotações estiveram em bons patamares: em Jales, pela boa qualidade e demanda firme, a média foi de R\$ 3,64/kg, valor 24,2% acima dos custos de produção estimados; em Pirapora, a margem de rentabilidade foi de 71,7%, e produtores receberam R\$ 4,81/kg no mês. Além disso, a produtividade deve ser maior em 2018: no mês passado, o rendimento na região mineira foi 5,5% maior do que em julho da temporada passada, quando houve perdas durante a fertilidade das gemas com a ocorrência de chuvas no período de brotação. Neste ano, a colheita em Jales e em Pirapora deve terminar entre o final de outubro e o início de novembro, quando se iniciam, também, as podas de formação para a safra seguinte.

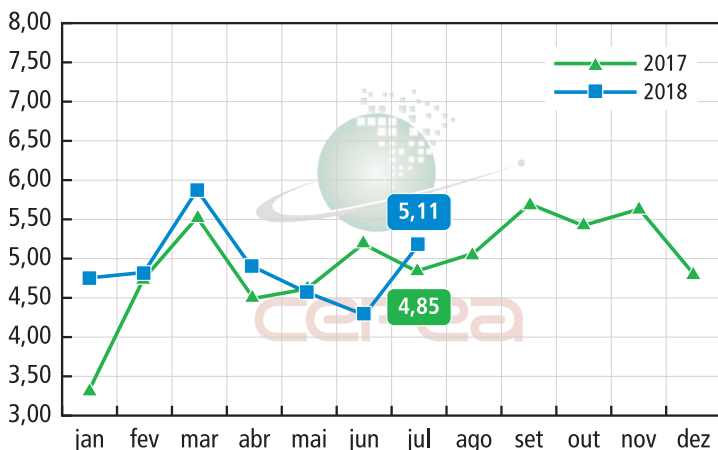
Podas para exportação terminam no Vale

As áreas destinadas à produção de uvas para exportação do Vale do São Francisco (PE/BA) devem ter as podas finalizadas em agosto, de acordo com viticultores consultados pelo Hortifruti/Cepea. A ex-

pectativa dos produtores é de boas produtividade e qualidade das frutas. Esse cenário e a alta da cotação do dólar (acima dos R\$ 3,50) têm animado exportadores, que esperam manter os envios pelo menos nos mesmos patamares do ano passado. Os embarques de uvas sem semente à União Europeia devem ter início na semana 37 (de 10 a 16 de setembro), seguindo até a 47 (de 19 a 25 de novembro). Já os envios à Argentina se iniciaram aos poucos em junho, quando a baixa oferta limitou a exportação. Os embarques brasileiros ao país vizinho devem se intensificar na semana 32 (de 6 a 12 de agosto), impulsionados pela maior oferta – vale ressaltar que, neste ano, a demanda argentina pode apresentar mudança de perfil: com a redução da área da uva red globe no Vale, a tendência é de menor participação desta variedade, sendo substituída pela sweet jubilee (com semente), que tem tido boa aceitação na Argentina. Em 2017, o Brasil exportou 2,8 mil toneladas ao mercado argentino, alta de 148% frente a 2016 – com predominância de red globe, segundo agentes.

Safra no Peru aumenta, mas exportação pode se atrasar

Na safra 2018/19, o Peru deve ter recuperação na área certificada para exportação, dado que houve redução no ano passado devido ao *El Niño*: o Senasa (Serviço Nacional de Sanidade Agropecuária) certificou apenas 14.800 hectares de parreiras para exportação na temporada 2017/18, 16% a menos do que na anterior. Segundo a mídia internacional, devido à recuperação de áreas ao norte daquele país, que foram as mais afetadas pelo fenômeno climático em 2017, o volume produzido de uvas de mesa deve ser maior neste ano. Por outro lado, a qualidade das uvas ainda poderá ser fator limitante para os envios internacionais por conta do clima frio no primeiro semestre em algumas regiões, como no Vale do Ica. Ainda, por conta das baixas temperaturas, o início das exportações esperado para a semana 49 pode ser retardado, deixando uma lacuna após o término das exportações brasileiras, o que pode favorecer os envios da África do Sul e Namíbia.



Preço tem alta em julho

Preços médios da uva niagara recebidos por atacadistas de São Paulo - R\$/kg

Fonte: Cepea



POTENCIALIZE SEUS RESULTADOS COM O PORTFÓLIO FMC PARA HORTIFRUTI.

É a FMC investindo para atender aos produtores com o programa de soluções para o manejo de hortifruti do início ao fim do ciclo.



CONHEÇA AS PRINCIPAIS SOLUÇÕES FMC PARA O MERCADO DE HORTIFRUTI

Inseticidas

Verimark® NOVO
Inseticida
powered by
CYAZYPYR®
ingrediente ativo

Benevia® NOVO
Inseticida
powered by
CYAZYPYR®
ingrediente ativo

Premio® NOVO
Inseticida
powered by
RYNAXYPYR®
ingrediente ativo

Altacor® NOVO
Inseticida
powered by
RYNAXYPYR®
ingrediente ativo

Avatar® NOVO

TALSTAR®
100 EC

Fungicidas

Zignal®

ROVRAL

REGALIA MAXX®

Galben® M

AUTHORITY

Herbicida

REATOR®
360
NOVO

Nutrição

Seed+ Crop+

Bionemática

QUARTZO

SEMEANDO E CULTIVANDO A VIDA, *Juntos*



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Siga as recomendações de controle e restrições estaduais para os alvos descritos na bula de cada produto. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Use exclusivamente agrícola.

CONSULTE SEMPRE
UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB
RECEITUÁRIO AGRONÔMICO.

FMC

Verimark®, Benevia®, Premio®, Altacor® e Avatar® são produtos registrados por DuPont do Brasil S/A e distribuído por FMC. Copyright ©Junho 2018 FMC. Todos os direitos reservados. Imagens ilustrativas. Consulte as culturas registradas na bula antes de aplicar o produto.

fmcagricola.com.br

f /fmcagricola You Tube /FmcAgricolaBrasil Instagram /fmcagricola



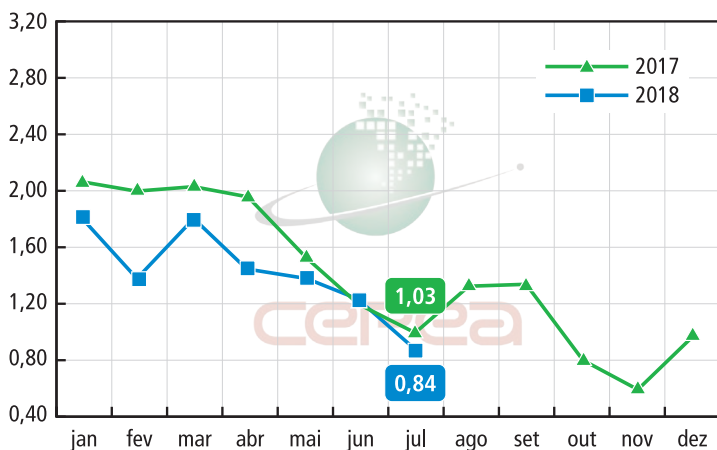
Vendas devem aumentar em agosto com volta às aulas

Maior oferta de prata pode pressionar cotações

Com a volta das aulas em agosto, a expectativa é de crescimento nas vendas de banana, tanto no atacado quanto ao produtor. As negociações estavam baixas em julho devido principalmente às férias escolares. A redução na oferta da nanica nas principais regiões produtoras “segurou” uma queda ainda mais acentuada nas cotações. Como a colheita ainda não deve ser intensa em agosto, a expectativa é de preços firmes para a nanica. Já para a banana prata, por mais que a demanda para as merendas escolares impulse a comercialização, as cotações podem cair, sobretudo no Norte de Minas Gerais, Delfinópolis (MG) e Bom Jesus da Lapa (BA) – isso porque a colheita da variedade deve se intensificar e a oferta tende a ser maior que a procura.

Estiagem continua reduzindo produtividade em MG

A seca, que já dura quatro anos no semiárido brasileiro, tem desafiado bananicultores do Norte de Minas Gerais. Com a expectativa de baixo volume de chuvas até setembro, de acordo com o Cptec/Inpe, a produtividade nos bananais pode seguir menor que a do ano passado. O rendimento médio da banana prata no primeiro semestre de 2018 foi de 24,4 t/ha, 5% menor frente ao mesmo período de 2017, segundo levantamento do Hortifruti/Cepea junto a produtores do norte mineiro. Apesar disso,



um maior ritmo de colheita é esperado de agosto a outubro no Norte de MG. As precipitações observadas nos primeiros meses de 2018 não foram suficientes para recuperar os principais reservatórios - na cidade de Janaúba, por exemplo, a quantidade acumulada no primeiro semestre foi de apenas 330 mm, 14% abaixo da normal climatológica para o período, de acordo com dados do Inmet. Uma informação que pode preocupar ainda mais os produtores no semiárido é a possibilidade de o fenômeno *El Niño* voltar neste segundo semestre. De acordo com a Agência Americana de Meteorologia e Oceanografia (NOAA), até o início de agosto a possibilidade da formação do *El Niño* durante a primavera era de 65% – sendo que a chance de o fenômeno se estender no verão é de 70%.

Exportações ao Mercosul se recuperam

As exportações de banana aos países do Mercosul podem aumentar entre agosto e setembro, após ritmo reduzido nos últimos meses. Produtores do Norte de Santa Catarina, que exportam ao bloco, relatam que a demanda pela fruta pode aumentar devido ao clima mais favorável ao consumo, sobretudo no Uruguai. Apesar da possibilidade de demanda mais aquecida a partir de agosto, a expectativa para os envios no segundo semestre pode ser freada pelos preços mais elevados da nanica no período – a oferta tende a ser menor e, o preço, subir, o que reduz a competitividade brasileira e a atratividade da exportação. No primeiro semestre/18, foram exportadas 25,4 mil toneladas de banana ao Mercosul, gerando US\$ (FOB) 6,8 milhões, altas de 98% e 73%, respectivamente, em comparação ao mesmo período de 2017, segundo a Secex. Os envios à Argentina aumentaram expressivos 151% frente ao mesmo intervalo de 2017, e para o Uruguai, 71%. Vale ressaltar, ainda, que o maior volume pode ter sido consequência dos preços mais baixos frente aos de 2017 – a média das negociações com a Argentina foi de US\$ 0,22/kg e, com o Uruguai, de US\$ 0,30/kg, valores 11% e 10% menores, respectivamente.

Preferência por nanica reduz preço da prata de MG

Preços médios recebidos por produtores do norte de Minas Gerais pela prata-anã - R\$/kg

Fonte: Cepea





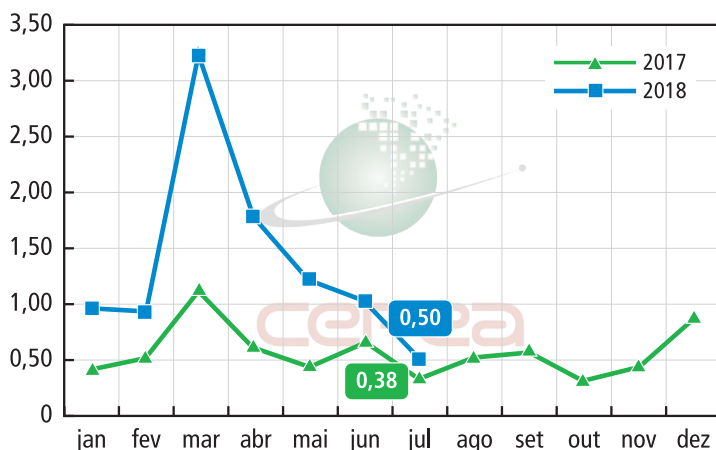
Oferta deve seguir controlada nas roças

Volta às aulas pode impulsionar consumo

Além da possível melhora no consumo, influenciada pela volta às aulas, produtores esperam que o volume disponível de mamão, especialmente o havaí, seja menor em agosto nas principais regiões produtoras, elevando as cotações da fruta no mercado interno. A queda no volume ofertado pode estar relacionada com as baixas temperaturas registradas ainda neste início de mês, que continuaram desacelerando a maturação da fruta. Além disso, houve relatos de que a presença de viroses também tem limitado a disponibilidade do mamão, especialmente no Norte do Espírito Santo, no Sul da Bahia e no litoral do Rio Grande do Norte – já que para controlar essas doenças se faz necessário praticar o *roguing* (corte dos pés). Este cenário deve ser, porém, o oposto do observado em julho – quando houve pouca demanda e acúmulo de frutas nas praças produtoras. Assim, no Norte do Espírito Santo, as cotações do havaí tipo 12-18 caíram em 51% frente a junho, fechando o mês com média de R\$ 0,50/kg. Já o formosa foi comercializado por R\$ 0,74/kg, alta de 17% na mesma comparação – vale lembrar que, neste período, a oferta desta variedade estava controlada, o que assegurou boas preços.

Mesmo com melhor preço do RN/CE, rentabilidade é limitada

Ao contrário de outras regiões produtoras,



Pouca demanda e elevada oferta reduzem preços

Preços médios recebidos por produtores do Espírito Santo pelo mamão havaí, em R\$/kg

Fonte: Cepea

mamocultores do Rio Grande do Norte/Ceará estão obtendo melhores cotações neste ano. Esse cenário se deve, segundo colaboradores do Hortifruti/Cepea, à menor concorrência com outras praças e à baixa oferta na região. Assim, na parcial do ano (janeiro a julho), os preços do havaí potiguar/cearense fecharam 214% superiores aos do Sul da Bahia, por exemplo, a R\$ 1,51/kg. O formosa, por sua vez, foi vendido a R\$ 0,85/kg no RN/CE, valor 15% superior ao do Norte do Espírito Santo. Em contrapartida, as boas cotações não significam que a rentabilidade dos mamocultores do Rio Grande do Norte/Ceará tem sido melhor frente às outras regiões – a praça tem elevado custo de produção, em decorrência dos problemas frequentes relacionados à disponibilidade de água (sendo necessário cavar poços e corrigir a salinidade) e às viroses, que prejudicaram bastante a produção local em períodos de chuva.

Exportações devem se manter em agosto

Em agosto, o volume controlado de mamão nas principais regiões exportadoras do País deve continuar limitando as exportações – especialmente se os preços domésticos foram mais atrativos. Vale ressaltar, ainda, que como a demanda de mamão costuma diminuir nos principais países compradores durante o verão no hemisfério Norte, por causa do aumento da produção local, o cenário pode continuar pouco favorável aos embarques internacionais. No primeiro semestre de 2018, o Brasil exportou 25 mil toneladas de mamão, quantidade 5% inferior ao mesmo período do ano passado, de acordo com a Secretaria de Comércio Exterior (Secex). Já a receita obtida com os envios no período alcançou US\$ 31 milhões (FOB), valor 14% maior na mesma comparação. Destaca-se que a valorização do dólar em 2018, apesar de aumentar os custos de produção, tem favorecido as exportações, já que proporciona maior remuneração. Neste quesito, as expectativas apontam para um fechamento de ano com receita acima dos de 2017.





ENTREVISTA: Claudio Furquim

“NOSSA PROPOSTA É FORMAR UMA GESTÃO COMPARTILHADA PARA MODERNIZAR AS CEASAS”

Claudio Furquim é permissionário e proprietário da empresa Cobrasil Agro Comercial Brasil e estabelecido na Ceagesp há 38 anos. Também é diretor-presidente do Sindicato dos Permissionários em Centrais de Abastecimento de Alimentos do Estado de São Paulo (Sincaesp) e diretor secretário da Associação dos Permissionários do Entrepósito de São Paulo (Apeps). Furquim avalia que, caso a atual gestão das Centrais siga como está, o abastecimento pode entrar em colapso e, por isso, propõe uma administração com maior engajamento dos permissionários, visando a modernização da estrutura das centrais.

Hortifruti Brasil: Na visão do Sincaesp, qual o principal problema que acaba culminando na falta de modernização das Ceasas?

Claudio Furquim: O problema é político e de má gestão. Lamentavelmente, a direção das Centrais é feita por indicação política e sem nenhum critério técnico. No geral, as pessoas indicadas ao cargo deveriam ter um perfil técnico e engajadas em promover a modernização da comercialização das Centrais. Mas, no geral, não são, não têm conhecimento e não há vontade política para administrar em prol da modernização das Ceasas. Com má gestão e poucos investimentos públicos em infraestrutura, o resultado é uma estrutura defasada, os custos para os permissionários são elevados e os serviços são ruins. Por exemplo, o custo com limpeza da Ceagesp é de R\$ 2,6 milhões e, mesmo assim, ainda não é adequada; a segurança também é muito cara (por volta de R\$ 1,8 milhão) e não dá a devida atenção para o bom funcionamento da Central. Além do alto custo de manutenção, as Ceasas da capital e do interior enfrentam uma deterioração das instalações, por conta da falta de investimentos.

HF Brasil: Qual é a consequência dessa má gestão pública das Ceasas?

Furquim: A Ceagesp de São Paulo recebe produtos de cerca de 1.400 municípios e de 14 países, e, por isso, não é cabível o descaso político diante dessa grande importância. A consequência dessa ineficiência é que as Centrais estão perdendo espaço na comercialização para outras centrais privadas de grandes varejistas. No entanto, para o pequeno e médio varejos, os custos de aquisição do produto vão subir muito porque muitos terão que buscar diretamente do produtor, na ausência de uma estrutura como as Ceasas.

HF Brasil: No caso de Piracicaba (SP), é visível a falta de interesse de novos permissionários em ocupar o local e também dos que lá estão. Como essas questões são tratadas pelo Sindicato junto à direção das Ceasas?

Furquim: São duas situações distintas: o que compete à administração pública e o que é de responsabilidade do nosso Sindicato. Se os permissionários passassem a gerir de forma compartilhada, contribuindo com sugestões junto à administração pública, com certeza teríamos uma melhor situação. Todo esse problema é devido à administração pública, à crise econômica e à falta de condição operacional dos entrepostos, que fazem com que permissionários busquem outros locais. Conseqüentemente, não cumpre a missão de aproximar a produção e a distribuição de forma eficiente. Desta maneira, o custo elevado e o mau serviço acabam distanciando o setor produtivo e as Centrais de Abastecimento

HF Brasil: O que o Sincaesp tem feito para tentar contornar a situação? Quais possíveis soluções para o problema?

Furquim: O Sindicato propôs ao Ministério da Agricultura uma nova forma de administração, por meio de uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (Oscip). O objetivo desta proposta é que os permissionários consigam realizar investimentos na modernização da Ceasa, pois a atual direção da companhia não permite isso. Porém, a gestão compartilhada ainda não é aceita pela administração atual. A principal preocupação é ocorrer um colapso no abastecimento, trazendo prejuízos ao setor produtivo – grandes, médios e pequenos produtores (agricultura) – e ao consumidor final. Os danos maiores com essa deterioração são para pequeno e médio produtores, e a cadeia produtiva é em grande parte formada por agricultores familiares. É importante ressaltar que a atividade dos permissionários não precisa ser subsidiada pelo governo; o dinheiro público deveria ir diretamente para modernizar a estrutura. O problema é que, da forma como as Centrais estão organizadas atualmente, o que se gasta para mantê-las não é eficiente e não se reverte em melhorias. ■



Alion®

ESTAMOS HÁ

150*

DIAS TRABALHANDO SEM MATO

**CHEGOU O PRIMEIRO HERBICIDA
pré-emergente com residual prolongado.**

- ✓ Reduz pelo menos 1 aplicação
- ✓ Otimiza a mão de obra para outras atividades na lavoura
- ✓ Amplo espectro de ação contra plantas daninhas resistentes
- ✓ Reduz os custos com maquinário, água e combustível

Alion. A revolução da sua era.



Se é Bayer, é bom



ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

**CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO.**



Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Uso exclusivamente agrícola.

*Ensaio realizado por Bayer e Fito Desenvolvimento e Produção Ltda, para Azevém, Picão Preto e Buva. Locais: São Joaquim/SC e Porto Feliz/SP.

www.agro.bayer.com.br

Soluções BASF para hortifrúti.

Mais qualidade e produtividade para sua lavoura.

Cabrio® Top

Fungicida

Conheça o Portfólio
BASF para Hortifrúti:

Fungicidas

Orkestra® SC*
Cabrio® Top*
Cantus®*
Forum®
Collis®
Tutor®
Forum® Plus
Delan®
Polyram® DF
Caramba® 90
Stroby® SC
Kumulus® DF
Acrobatz® MZ

Inseticidas

Pirate®
Regent® Duo
Nomolt® 150
Fastac® 100
Imunit®
Verismo®

Herbicidas

Heat®
Herbadox® 400 EC

Regulador de
Crescimento

Dormex®

*Mais qualidade, produtividade
e rentabilidade - Benefícios AgCelence®.



ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na etiqueta. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Inclua outros métodos de controle dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Uso exclusivamente agrícola. Restrições temporárias no Estado do Paraná: Forum® Plus para rosa; Polyram® DF para alho, cenoura, melancia, melão e para os alvos *Botryosphaeria dothidea* em maçã e *Alternaria solani* em tomate; Caramba® 90 para crisântemo, feijão-vagem, rosa e para os alvos *Phaeoisariopsis griseola* em feijão e *Puccinia graminis* em trigo; Tutor® para o alvo *Phytophthora infestans* no tomate e Cabrio® Top para alho. Registro MAPA: Acrobat® MZ nº 02605, Cabrio® Top nº 01303, Cantus® nº 07503, Caramba® 90 nº 01601, Delan® nº 01818604, Dormex® nº 001095, Collis® nº 01804, Fastac® 100 nº 002793, Forum® nº 01395, Forum® Plus nº 03502, Caramba® 90 nº 01603, Delan® nº 01818604, Dormex® nº 001095, Collis® nº 01804, Fastac® 100 nº 002793, Forum® nº 01395, Forum® Plus nº 03502, Heat® nº 01013, Herbadox® 400 EC nº 015907, Imunit® nº 08806, Kumulus® DF nº 02418592, Nomolt® 150 nº 01393, Orkestra® SC nº 08813, Pirate® nº 05898, Polyram® DF nº 01603, Regent® Duo nº 12411, Stroby® SC nº 03198, Tutor® nº 02908 e Verismo® nº 18817.

0800 0192 500

facebook.com/BASF.AgroBrasil

www.agro.basf.com.br

www.blogagrobasf.com.br

BASF
We create chemistry

TOMATE SALADETE

PARMA F1

Sua lavoura merece.



SEMENTES QUE FAZEM A DIFERENÇA

Mala Direta Postal

Básica

0000/2012 - DR/XXXXY

Cliente

...CORREIOS...

IMPRESSO

Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ

Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)

Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829

e-mail: hfcepea@usp.br



Saiba mais sobre esse produto.

TOMATE SALADETE

PARMA F1

- Resistência ao F3, TYLCV (geminivírus), TSWV (vira-cabeça) e a nematoides
- Bom tamanho de fruto
- Alta produtividade
- Planta de crescimento indeterminado



ACESSE NOSSO SITE E CONHEÇA A LINHA COMPLETA.

NOVA sementes

28 DE JULHO
DIA DO AGRICULTOR

VOCÊ FAZ DO CAMPO A NOSSA MAIOR FORÇA.

OBRIGADO

AGRISTAR

CONFIANÇA NO AMANHÃ

Tel.: 19 3514-7330 :: AGRISTAR DO BRASIL
www.agristar.com.br :: info@agristar.com.br

Hortifruti Brasil

Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429.8808 Fax: (19) 3429.8829
E-mail: hfcepa@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil